

QUESTÕES DE IDENTIDADE EM *A PECADORA DE VALE VÊNETO*

Égide Guareschi

RESUMO[®]

Neste artigo, faz-se uma análise da construção identitária da personagem Aura Pasqualini, do romance *A Pecadora de Vale Vêneto*. A protagonista crê ser cheia de luz e aureolada de pureza. Sua crença vai se diluindo na medida em que seu caráter vai sendo revelado. Por trás dessa problemática surgem, então, as marcas étnicas que assinalam tanto a personagem como o próprio narrador. Aqui, busca-se evidenciar os traços característicos dessa origem étnica, os quais podem ser encontrados em diversos níveis da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, etnia, preconceito.

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é o romance *A pecadora de Vale Vêneto*, o qual é tido como uma das poucas obras de ficção que tem como um dos cenários da narrativa a Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul. Este livro foi lançado na década de 80, em Porto Alegre e é de autoria de Carminda Venturini.

Quanto à linguagem, *A pecadora de Vale Vêneto* é uma narrativa com características de crônica do cotidiano, que, às vezes, assume um tom panfletário, pela manifesta expressão ideológica do narrador. Este, de terceira pessoa e de onisciência seletiva apresenta a personagem Aura Pasqualini, enfocando sobre ela um olhar que oscila entre a visão feminina romântica e um certo pendor naturalista.

Neste trabalho, pretende-se analisar elementos da construção de identidade da protagonista, com vistas a mapear seu registro como mulher e como descendente de imigrantes italianos. Quanto a isso, no nível da narrativa, o narrador apresenta a personagem, utilizando-se do recurso da analepse, para recuperar e revelar fatos do seu passado, os quais auxiliam na compreensão do presente e contribuem para sua configuração identitária.

A descrição refere-se a uma jovem loura, bela, de personalidade forte e magnética. Essas propriedades físicas e psicológicas da personagem são fundamentais na compreensão da composição de sua

identidade, sendo que o narrador conduz a história de maneira a formar uma imagem da representação de mulher ideal: "A imagem daquela mulher que Aura gostaria de ser e que não era" (VENTURINI, 1986, p. 28), o que, por outro lado, torna a descrição da protagonista um tanto estereotipada:

Aura não era uma gringa como aquelas mulheres enormes, robustas e musculosas, era simplesmente mulher: feminina. Se a colocassem num altar, com um manto azul, convenceria. Se colocada de maiô numa passarela abafaria como Martha Rocha. Seus olhos azuis celestiais, enigmáticos, relampejavam uma cólera que lhe emprestava domínio. As crianças sentiam por ela uma atração irresistível. (VENTURINI, 1986, p.26)

Moça humilde, de princípios morais rígidos e filha de colonos, a personagem sai de Vale Vêneto, pequeno lugarejo da Quarta Colônia de Imigração Italiana e se desloca para Santa Maria. Aí, conhece o jovem líder político estudantil, Dino Miorando, pelo qual se apaixona e então, conforme suas palavras, movida pela sua inocente ignorância, entrega-se a ele, resultando dessa rápida união uma gravidez indesejada.

Num impulso se entregara por pura paixão. Noutro impulso fugira. Não cobraria a paternidade. Dino não a amava, pensava. Nunca dissera nada. Agira em silêncio e a possuía. Como um violinista que arranca acordes maviosos do instrumento musical. Assim fora. (VENTURINI, 1986, p.12).

Com o objetivo de evitar o desprezo da família, Aura vai a Porto Alegre, onde perde a criança e vive o drama de ser uma jovem ignorante, vinda da colônia para a cidade grande. Nesse espaço urbano complexo, os sinais de sua especificidade sociocultural, são mais visíveis e muitas vezes motivo de discriminação. Com relação à identidade étnica, o professor Odacir Coradini explica que:

Qualquer processo de construção de identidade étnica está baseado em determinadas interpretações de 'origens', trajetórias e características sociais que se tornaram emblemáticas para o grupo. Por outro lado, não vem ao caso a "veracidade" factual destas origens

e características sociais, visto que se trata de estereótipos, culturalmente definidos e valorizados, positiva ou negativamente, em oposição a outros estereótipos. (CORADINI, In: MAESTRI, 1998, p.33).

De acordo com essa idéia, identidade pode ser tratada em **A Pecadora de Vale Vêneto**, considerando o aspecto da origem da protagonista. Isso porque sua origem revela-se de forma intensa e desencadeia sua postura enquanto mulher e enquanto descendente de italianos, bem como seu freqüente comportamento dual frente à questão étnica.

Dessa forma, no decorrer da narração, Aura tenta negar alguns aspectos de sua genealogia como *colona italiana*, porém seu discurso está repleto de traços conservadores, reacionários e, mesmo, racistas, os quais são marcas de sua descendência, dados culturais reveladores da vivência colonial italiana, dos quais ela não se desfaz.

Julga os colonos como ignorantes, sujos e grosseiros: "Mãos com unhas sujas. Achou abominável. Pareceu-lhe um parente de Vale Vêneto que trabalhava na roça". (VENTURINI, 1986, p.8). Em contrapartida, quando alguém fala mal de sua etnia ela reage: "Não gostaria que me lembrasse de nossa dolorosa história. É humilhante ser de origem italiana. O senhor não vai me perguntar se sou uma gringa polentera, vai? (...) A ignorância é uma vergonha! (...) A ignorância da nossa gente é uma ignomínia" (VENTURINI, 1986, p.38).

Aura, apesar das contradições, tem orgulho de ser descendente de italianos, de ser branca e isso acaba gerando o ponto do racismo, aqui aludido. A obra, assim, vai reproduzindo elementos que denunciavam as raízes culturais da protagonista. Ao ler uma notícia, sobre crianças que passam fome no país, ela afirma: "me conforta saber que não são de origem italiana, só pode ser negro ou brasileiro" (VENTURINI, 1986, p.23). Nesse sentido, a personagem faz uma série de questionamentos, em uma ocasião em que se depara um homem negro: "Por que eu tive medo dele? Por que é negro? Se fosse um gringo até levaria em casa para tomar um cafezinho. Poderia ser até ladrão, mas gringo..." (VENTURINI, 1986, p.54), em outra oportunidade, ela revela-se racista, ao espantar-se com o número de pessoas de origem negra, que tem encontrado e reflete:

Só havia negros. Pensou aílita: - Neste país virá o dia em que será império dos negros. Eles vão predominar. Estão crescendo assustadoramente. E não são mulatos. Negros mesmo. Raça forte. Nem negro aço! Nem negro azulão! Quantos negros eu vi hoje? Nunca tinha observado como têm negros! Vai ser um processo de seleção natural. É a lei do mais forte. No futuro, os estrangeiros não dirão mais que no Brasil só

têm índios, dirão que é um país de negros. Uma nova África. (VENTURINI, 1986, p.62).

Diante de tais questionamentos, a protagonista mostra seu preconceito ideológico, racista e xenofóbico¹ com relação à raça humana. Assim como Hitler projetou a construção de uma nova Alemanha, com a idéia da existência de uma raça limpa, pura e civilizada, também Aura manifesta esse desejo, como se não estivesse no Brasil, um país de mestiços.

Nesse momento, o narrador perde a noção do todo e se detém num certo particularismo insolente, ao delegar ações de origem reacionárias e ultraconservadoras à personagem e compartilhar com elas. Esta possui uma forma de agir, característica de quem oferece uma incômoda resistência às suas próprias tentativas de mudanças. Embora, em vários trechos da obra, a protagonista rejeite a *ignorância* dos familiares, por serem colonos e sem instrução, ela transparece um pensamento conservador, semelhante ao deles: o de que o indivíduo é determinado por sua raça e não por sua inserção cultural.

Com essa forma retrógrada de pensar, Aura descortina diante de si a vida urbana da capital, uma vida muito diferente da que tinha no Vale. Não obstante sua miséria financeira depara-se com pessoas pouco confiáveis e interesseiras. Decide então, fazer "um voto de silêncio", a partir daí não revelaria a ninguém sobre o amor nutrido por Dino. A questão do interesse apresenta-se principalmente por parte dos homens, todos por onde ela passa a percebem e desejam seu corpo. O interessante é que nesses momentos o narrador, embora de terceira pessoa, assume completamente o ponto de vista da personagem: "Aura crescera em Vale Vêneto. Quando usou pela primeira vez batom, realçou sua beleza. Um vestido floreado, fundo bege, cadeirão. Deslumbrante a menina-moça. (...) Primavera, tudo resplandecia. Pela primeira vez Aura mostrou suas belas pernas com calção de ginástica. Meninos olhavam-na. Sentia-se bem". (VENTURINI, 1986, p.36).

Junto com as questões raciais e as de gênero, o ponto principal da obra repousa sobre a referida relação entre Aura e Dino. Movida pela vontade de vingança – por Dino e por todos os outros homens em nome dele – Aura abandona muito de seus princípios morais e revela sua ideologia ambiciosa, de subir na vida. "Impulsiva. Arrebatada. Aura subia ao ritmo de seus impulsos temperamentais." (VENTURINI, 1986, p.15). Conseguiu um emprego em um hospital, auxiliar de enfermagem. Logo se interessou em estudar para melhorar o padrão. Começou a freqüentar reuniões nas quais se discutiam os problemas da Santa Casa. "A partir daí Aura interessou-se. Como já projetara, entraria para a

política, lentamente. Juntou-se a um grupo de feministas do partido de oposição. Partido das feministas.” (VENTURINI, 1986 p.26).

1 Contexto sócio-histórico

Contemporaneamente, à época do lançamento do romance **A pecadora de Vale Vêneto**, na década de 80, segundo Céli Regina Jardim Pinto (2003, p. 68), o momento político brasileiro era de volta à normalidade institucional, o que levou o movimento feminista, particularmente, a tomar novos rumos. Com o processo de redemocratização, surgem ao longo da década fortes grupos feministas temáticos, entre os quais se destacam os que passaram a tratar a violência contra a mulher e da sua saúde. Também nos anos 1980 houve espaço para o surgimento e o desenvolvimento do que se poderia chamar de feminismo acadêmico, pois surgem nas grandes universidades do país Núcleos de Pesquisa e Estudos da Mulher. Além disso, houve a conquista de espaços no plano institucional, por meio do Conselho Nacional da Condição da Mulher (criado em 1985), Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (criado em 1985) e Delegacias da Mulher.

Este cenário sócio-histórico brasileiro da época, evidentemente, repercute na ação narrada. A começar pelo interesse da protagonista em relação ao tema. Ela baseia-se em Evita Peron e sua política, e de acordo com esses preceitos, aborda desde o início da obra questões de violência contra a mulher, bem como o fato de esta ser fisicamente inferior ao homem, portanto, não podendo equiparar-se a ele.

Valendo-se de sua própria história enquanto mulher, Aura cria uma falsa “personagem” a quem delega os dramas femininos e os maus atos. Usando de exemplos do que acontecera à suposta amiga, através de um discurso erotizado e de uma visão distorcida e pouco embasada na real ideologia do Movimento Feminista, Aura tenta impressionar as companheiras por ocasião de reuniões plenárias de que participa. Há passagens, nesse aspecto, que custam a convencer pelo brilho fácil que a personagem alcança em suas ações:

Aplausos encheram a sala. Aura estava se impondo, com seu magnetismo, seu sotaque de Vale Vêneto, suas idéias. E continuou após os aplausos, depois de pensar: - tenho que convencer. Um político tem que ser um artista e convencer da sua mentira. A amiga X sou eu. Mas ninguém poderá saber. A minha imagem política deverá ser perfeita, intocável. Tenho que me convencer da minha própria mentira. (VENTURINI, 1986 p.27).

Aura, portanto, de uma passagem para outra, ganha esta face de ativista política bem-sucedida. Isso, pois, é pouco verossímil, considerando-se o perfil da personagem que predomina ao longo do relato. Julia Kristeva¹, a propósito, esclarece que o conceito de verossímil, num texto narrativo, pode ser entendido tanto semântica como sintaticamente. Segundo Kristeva verossímil semântico é aquele discurso que está em relação de similaridade, de identificação, de reflexo com um outro, onde o discurso literário se projeta sobre este outro discurso que lhe serve de espelho. O espelho a que o verossímil reconduz é o discurso dito natural, que por sua vez pressupõe o termo bom-senso, aquilo que está de acordo com o que é socialmente aceito.

Nesse caso, pode-se perceber que Aura Pasqualini, muitas vezes, assume atitudes que normalmente não seriam comuns e até coerentes ao considerar-se a realidade objetiva. Além disso, o romance apresenta trocas abruptas de cenas, sem fazer ligações, muitas vezes, necessárias entre as partes do texto, o que causa estranhamento ao leitor. Este segundo fator, como consta acima, é entendido por Kristeva, como uma falha na verossimilhança sintática da narrativa. O verossímil sintático, para a autora é aquele que reconstrói um agrupamento de seqüências do texto e as faz derivar uma das outras, de forma que esta derivação confirme a lei retórica que se escolheu para produzi-lo e dê linearidade ao relato.

A narrativa, assim como apresenta situações pouco convincentes do ponto de vista da verossimilhança, também, mostra fatos, nos quais a personagem se detém demasiadamente em conceitos um tanto distorcidos, no que se refere à relação homem e mulher, como por exemplo:

As feministas querem concorrer com os homens na liberdade sexual, mas o homem é o rei e a mulher sempre será escrava pela sua anatomia. Enquanto não se fizer respeitar, colocando, como Napoleão Bonaparte, na própria cabeça uma coroa, para indicar sua soberania – a mulher será sempre escrava. (...) As mulheres inteligentes não são aquelas partidárias do amor livre. A dita mulher liberada sexualmente tem QI baixo. Enquanto houver o risco de gravidez, para a mulher, a dita liberdade sexual será pura ficção. A mulher será capacho dos homens: URINOL DE ESPERMA. (Idem).

Nessa passagem, pode-se perceber que, de acordo com o posicionamento de Aura, todas as mulheres são usadas e todos os homens estão imbuídos de más intenções, o que reforça uma pré-concepção das relações sociais e afetivas da

personagem. Essa posição é representada, na narrativa, através da frase emblemática e de linguagem vulgar que costuma usar – “os homens usam as mulheres como urinol de esperma”.

Por conta dessas más intenções dos homens, algumas cenas parecem exclusivamente querer demonstrar que a personagem, de fato é irresistível: diante dela, todos os homens se descontrolam e mostram taras que, enfim, os caracterizam. Isso, não significa que tais situações, de fato, não pudessem acontecer. A distorção está no fato de a personagem, ao modo naturalista³, insistir que tais cenas apenas comprovam sua tese.

Um outro elemento recorrente nos discursos de Aura Pasqualini é a religião. Em suas falas, ela aproveita, também para fazer críticas à Igreja, já que como ela diz quem a despertou para o sexo foi um padre. Suas censuras aludem à pressão que o Papa e os padres exercem sobre os fiéis, em especial às mulheres. Ela faz reflexões sobre o pecado e sobre o casamento, como sendo estes o martírio de muitas mulheres, as quais se mantêm casadas, apenas por convenções católicas. Dessa forma, a narrativa reitera um forte traço identitário da origem de Aura, ou seja, a absorvente influência da moral católica sobre os colonos italianos.

Além disso, esta obra designa a protagonista como *pecadora*, segundo o estigma oriundo da sua formação cristã, de que ela tenha transgredido voluntariamente as leis religiosas. O que, além de justificar o título do livro, reafirma o conceito de pecado da crença catolicista, que é transportado para o livro.

CONCLUSÃO

As considerações aludidas neste texto comprovam que a protagonista Aura Pasqualini usou todos os meios para conseguir seus objetivos. Tornou-se famosa e alcançou prestígio social à custa de mentiras. Embora, pregue uma política nova e libertária para as mulheres, a protagonista prova ser ambígua e arraigada a conceitos que são contrários a suas palavras: “É como se eu fosse duas. Ninguém sabe dos meus erros secretos. Dos meus amantes. Dos meus abortos. Se eu não falo ninguém sabe. O silêncio vela pela minha imagem na sociedade e como eu muita gente faz”. (VENTURINI, 1986, p.67).

No final do texto, a personagem ao contar seus pecados a um confessor, afirma: “fiz dois abortos e tive tantos amantes que já perdi a conta.” (VENTURINI, 1986, p.120), ela revela-se então, inescrupulosa e também interesseira, uma vez que, como afirma, se casou por dinheiro.

As características identitárias de cunho étnico têm considerável valor na narrativa, uma vez que o narrador desenha a personagem sob os moldes de sua cultura de origem. Marcas estas, que influenciam e, de certa forma, justificam as atitudes de Aura. A construção da identidade feminina da protagonista, por sua vez, edifica-se a partir de uma concepção pré-concebida de mulher, cuja imagem funde-se, entre o objeto de desejo e a figura de pessoa respeitada e santa, com *aura* pura como consta no livro.

O romance perde muito de sua qualidade narrativa, no momento em que o narrador tenta tirar conclusões mais sérias, acerca de algumas situações. Isso, como já citado, torna as ações, muitas vezes, inverossímeis. O que ocorre também, quando o narrador exagera em comparações da personagem com algumas personalidades como Getúlio Vargas, por exemplo: “Saio da vida para entrar na história”, dissera em sua carta Testamento; “Aura sairia de Vale Vêneto para entrar na política”. Se, ao contrário disso, a autora tivesse se centrado mais no anedótico, no episódico, dando uma conotação histriônica à personagem, o texto, além de mais descontraído, certamente também seria mais convincente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland et al. **Literatura e semiologia**. Petrópolis, Vozes: 1971.
- CORADINI, Odacir. Os significados da noção de “italianos”. In: MAESTRI, Mário (org.). **Nós, os italo-gaúchos** – 2ª. ed. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- VENTURINI, Carminda. **A pecadora de Vale Vêneto**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

NOTAS

³ Trabalho realizado por Égide Guareschi, aluna do 7º semestre do curso de Letras, participante do Grupo de Pesquisa “Literatura e História” (Plataforma Lattes – CNPq), bolsista PIBIC/CNPq do projeto “Historiografia Literária Sul-Rio-Grandense: fundamentos e conceitos”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Brum Santos. Este artigo é resultante de ações desse projeto. A obra analisada neste estudo foi localizada em uma pesquisa, no ano de 2005, que objetivou fazer um levantamento da literatura de imigrantes da 4ª Colônia de Imigração Italiana do RS.

⁴ Xenofobia, segundo o Dicionário Houaiss (2001), é desconfiança, temor ou antipatia por pessoas estranhas ao meio daqueles que as ajuíza, ou pelo que é incomum ou vem de fora do país.

¹ KRISTEVA, Julia. A produtividade dita texto. In: BARTHES, Roland et al. *Literatura e semiologia*. Petrópolis, Vozes: 1971.

³ Campo e objeto desse método e processo, segundo Celso Pedro Luft no *(Dicionário de Literatura Brasileira e Portuguesa, 1973)*, são a sociedade decadente, o homem na sua parte mais animal, atos fisiológicos, instintos, apetites sexuais, etc. preferência pela personagem degenerada, portadora de patologias físicas e morais, taras e vícios.